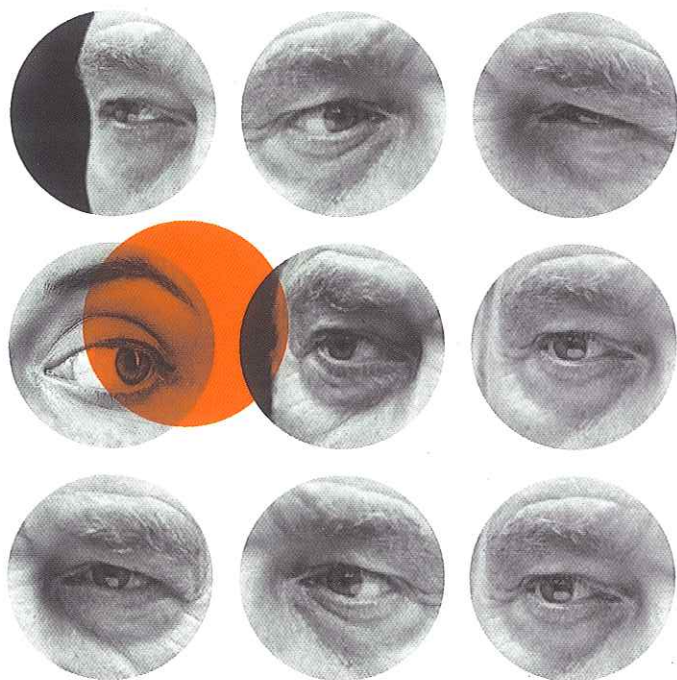


Colecção Comunicação História e Memória

EDUARDO J. M. CAMILO
ANA LEONOR MORAIS SANTOS
URBANO SIDONCHA (Org.)

SOBRE SUSPEITA E CULTURAS DE DESCONFIANÇA

FUNDAMENTOS E PRÁTICAS



EDUARDO J. M. CAMILO
ANA LEONOR MORAIS SANTOS
URBANO SIDONCHA

(org.)

TÍTULO
SOBRE SUSPEITA E CULTURAS DE DESCONFIANÇA
FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

ORGANIZADORES (LABCOM-IFP)
Eduardo J. M. Camilo
Ana Leonor Morais Santos
Urbano Sidoncha

CAPA
Sara Constante

ARRANJO GRÁFICO
MinervaCoimbra

IMPRESSÃO
RB/NGRAY

DEPÓSITO LEGAL
447248/18

ISBN
978-972-798-444-2

1.ª EDIÇÃO
Outubro, 2018

EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Edições MinervaCoimbra
Ngray – Torre do Arnado, Rua João de Ruão, 12, 1.º
3000-229 Coimbra – Portugal • Telf: +351 927224974
www.minervacoimbra.pt/minervacoimbra@gmail.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Esta é uma publicação do LABCOM com o apoio da FCT.

SOBRE SUSPEITA E CULTURAS DE DESCONFIANÇA

FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

Se os especialistas se centram nos *lóbulos das orelhas*, nas *pontas dos dedos*, etc., procurando *erros*, os delinquentes – os vigaristas – procurarão não os repetir: se os governantes se centram nas impressões digitais, os delinquentes *levarão luvas*; se, olhando para um *futuro previsível e conhecido* – ou seja, a ciência ficção –, aqueles se centram na identificação da iris do globo ocular, estes transplantarão os seus próprios olhos (veja-se, por exemplo, o filme de Steven Spielberg *Minority Report*). Em todo o caso, um estudo tipológico das características suspeitas poder-nos-ia levar a observar se todas elas possuem estruturas comuns.

Em suma, nesta visão dialógica entre a esfera do poder e a esfera da delinquência que tentámos desenvolver, tanto uma como a outra procuram actuar de maneira imprevisível para o seu interlocutor, assim como cada qual procura, paradoxalmente, *prever o imprevisível*.

Bibliografia

- AA.VV. (1998), *La sospecha*, Madrid, Alianza.
- CANETTI, Elias (1960), *Masa y poder*, Madrid, Alianza 1983.
- CASTILLA DEL PINO, Carlos (1998), *El delirio: un error necesario*, Oviedo, Nobel.
- FABBRI, Paolo (1995), *Tácticas de los signos*, Barcelona, Gedisa.
- FOUCAULT, Michel (1975), *Vigilar y castigar*, México, Siglo XXI 2001.
- GINZBURG, Carlo (1986), *Mitos, emblemas e indícios. Morfología e historia*, Barcelona, Gedisa 1994.
- GOFFMAN, Erving (1975), *Frame Analysis. Los marcos de la experiencia*, Madrid, CIS 2006.
- LOTMAN, Yuri M. (1998), *Semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, Madrid, Cátedra.
- LOTMAN, Jurij M.; Uspenskij, Boris (1973), *Tipología della cultura*, Milano, Bompiani 1975.
- LOZANO, Jorge (2004), “11-S todavía: semiótica del acontecimiento y explosión”, en *CIC (Cuadernos de Información y Comunicación)*, 9, pp. 129-136.
- SIMMEL, Georg (1908), *El secreto y las sociedades secretas*, Madrid, Revista de Occidente, n.º 73, 1997.

SOB O SIGNO DA SUSPEIÇÃO

José Maria Silva Rosa

LabCom – IFP

Universidade da Beira Interior

Aceitando o indicativo do prefixo «sus» na noção de *suspeita*, esta parece remeter para um *olhar* segundo, já prevenido e *suspenso*, face ao que poderia ter sido um *ver* primeiro, confiante e ingénuo. Mergulhará, assim, a suspeição em algum tropismo arcaico de medo e de sobrevivência? Terá ela tido papel essencial na dissimulação etológica que permitiu a selecção e o sucesso vital de certas espécies? Em alguns mitos muito antigos, mas sempre já tardios em relação às experiências vitais que se perdem na antiquíssima noite da hominização, a tomada de consciência da morte teria criado um desdobramento traumático, determinando o mundo humano como mundo essencialmente ambíguo e dúplice. As narrativas de origem judaico-cristãs, na dramatização fratricida de Caim e Abel, liga a suspeita à inveja e ao rancor do agricultor pelo pastor, face à preferência de Deus pelos dons deste. Mas o mito que opõe «agricultores» a «pastores» dá apenas roupagem a uma *manha* mais funda que escapa de algum modo ao saber directo, e que podemos encontrar em relatos paralelos de um fratricídio (ou de um parricídio) fundador da Cultura. De algum modo, podemos afirmar que também a Filosofia grega nasceu de uma suspeita ou desconfiança perante uma «natureza [*phýsis*] que gosta de se esconder», como dizia Heraclito, suspeição que, depois, determinou muito da Filosofia socrático-platónica. Historicamente, como bem viu Jean Delumeau, o *medo*, a *suspeita* e a *desconfiança* costumaram e costumam andar juntos. Mas foi já no séc. XIX que a doutrina da suspeita e da desconfiança assumiu contornos de uma quase *teoria geral da Cultura* com Marx, Nietzsche e Freud (chamados *et pour cause* ‘mestres da suspeita’ por Ricoeur e Foucault). Nietzsche, com efeito, afirmava a necessidade filosófica de suspeitar, pois «quanto mais desconfiança, mais filosofia.» (*A Gaia Ciência*, § 346). Mas é sobretudo

em *A Genealogia da Moral* que o 'psicógrafo das profundezas' mais afina e exercita a suspeita como método constante face a todos processos de dissimulação moral, de invenção do 'bem' e de ficção do 'sentido da realidade'. Que se finge e esconde, afinal, sob a *vontade de verdade e de transparência*, e sob a miríade de declarações nesse sentido que vemos proliferar? Não será de *suspeitar*?

1. Da gênese da suspeita

É uma hipótese de trabalho pertinente a de que o longo processo de hominização e a história da própria evolução da espécie humana, desde os seus alvores, não seja desligável de *práticas de suspeição* naquele sentido de instância vital, ainda infra- e extra-moral, que acompanha a necessidade de inspeccionar um território de caça, a copa de uma árvore ou a toca de um animal perigoso, de seguir com atenção uma pista, de farejar um rasto, e assim por ditante.¹⁵ Ou seja, a suspeita inscrever-se-ia nos tropismos arcaicos de sobrevivência, sentidos que ainda se podem colher quer no termo grego *upopsía* quer no latino *suspectio*. Em ambos há a mesma remissão para um certo modo 'caçador' de ver, um olhar segundo que observa bem e com cautela (*susplicere*), de baixo para cima e de cima a baixo, e vistoria com a maior atenção o que está ou pode estar escondido *por baixo* (tropismos de dissimulação animal, quer do predador quer da presa), ideia que encontramos depois em praticamente todas as línguas novi-latinas: *sospetta*, *soupçon*, *suspecte*, *suspicion*, *sospecha*, *suspeita*, etc.. 'Suspeitar' seria assim *in nuce* uma atitude muito natural e até salutar, no sentido de uma vigilância profiláctica ao serviço dos interesses vitais da sobrevivência.

Não é de descartar nem de admirar igualmente que estas práticas de suspeição tenham determinado o persistente enigma da emergência da consciência humana, enquanto vantagem competitiva do *macaco*

¹⁵ Cf. RICHARD B. LEE, RICHARD HEYWOOD DALY, *The Cambridge Encyclopedia of Hunters and Gatherers*, Cambridge University Press, Cambridge 2005.

*nu*¹⁶ na luta com outras espécies. E se esta remissão para os alvores da humanidade parecer desapropriada, pense-se outrossim na pertinência do método genealógico proposto pelos chamados «mestres da suspeita», remontando justamente aos momentos originários da espécie (filogenéticos) ou do indivíduo (ontogenéticos): doença axiológica e ressentimento da vontade de poder doente em Nietzsche; assassinio primitivo e traumas de infância em Freud; divisão do trabalho, apropriação dos meios de produção, feiticismo das mercadorias, inversão da consciência em Marx.¹⁷

Com efeito, a ideia de *consciência* envolve a de uma *duplicidade* concomitante (presente também no prefixo do verbo latino *con-scire*), de um contínuo jogo de avanço e recuo entre figura e fundo, entre atenção e retenção, entre presença e ausência. Ou, por outras palavras, ela *supõe* a possibilidade de criar uma história alternativa à da mudez das coisas, de cifrar o mundo, codificá-lo e enchê-lo de símbolos à maneira de Baudelaire, sentidos que acabam depois por esquecer-se nas dobras do tempo. Quem, quando criança, não se espantou, amedrontou ou brincou com esta espécie de 'duplo' – a nossa sombra – que nos espiava, acompanhava e perseguia por toda a parte? Desde a noite dos tempos, com certeza que o 'outro' que pulava por baixo de um riacho ou de uma poça de água, ao mesmo tempo que 'eu' saltava por cima, deve ter criado admiração e *suspectio*. Quem era esse *outro* a passar por baixo, na água? E o mesmo valerá talvez para os demais reflexos em superfícies espelhadas, v.g., nos olhos dos outros, na vísceras acabadas de tirar pelo áugure, ou ainda na experiência nocturna dos duplos que nos visitam em sonhos, depois de estes terem sido avivados e ressuscitados pelas chamas das fogueiras (v.g., *La psychanalyse du feu*, ou *La flamme d'une chandelle* de G. Bachelard), nas sombras dançantes das paredes iluminadas das cavernas, sobretudo depois da morte de alguém muito próximo (como na *Epopéia de Gilgamesh*). Enfim, são conjeturas que tentam tão-só tornar verosímil a existência de uma relação arcaica entre *suspeição* e

¹⁶ Cf. DESMOND MORRIS, *The Naked Ape: A Zoologist's Study of the Human Animal*, Jonathan Cape, London, 1967.

¹⁷ Cf. PAUL RICOEUR, *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Seuil, Paris, 1966, pp. 30-46.

a *gênese da consciência* ('milagre' que talvez nunca decifremos) mediante a constatação de uma desfasagem, uma duplicidade intrínseca que o método genealógico (exercício de suspeita de segundo nível, i.e., *suspeita da suspeita*) não deixará de constatar e de evidenciar em diferentes estratos culturais posteriores (Jean Brun, por exemplo, chama a atenção para desfasagem entre o *olho que vê* e a *mão que agarra*¹⁸).

Com efeito, se mudarmos de registo e avançarmos para as Mitologias e para a Filosofia, verificamos que o jogo dúplice permanece, embora metamorfoseado. Atentemos por breves instantes no mito de origem mais marcante da narrativa judaico-cristã, o do Jardim do Éden, no *Livro do Génesis*, e na forma que o hagiógrafo aí encontrou para fazer a *suspeição* entrar ao mundo pela 'primeira vez'. Todos conhecem bem o relato (remeto para a *Bíblia de Jerusalém* e para o estudo de Armino Vaz¹⁹), mas fixo-me deliberadamente em *Génesis* 2 – 3. Em Gn 2, 25, refere-se que, no Paraíso, ainda inocentes e sem o conhecimento do bem e do mal, tanto Adão como Eva estavam nus, mas não se envergonhavam disso. Literalmente *sem sombra de pecado*, evocando aqui apenas por antítese o filme homónimo de José Fonseca e Costa (1983). Deste modo, aquém de qualquer suspeita e vivendo numa inocente transparência de si a si, também a sua relação com todos os outros seres criados, em especial com as feras e os animais selvagens, era de absoluta e total confiança. A narrativa do *Livro do Génesis* move-se, assim, num mundo idealizado e edénico, totalmente estranho ao dos caçadores pré-históricos e das suas manhas na luta diária pela sobrevivência. O símbolo acabado daquela confiança é dado pelo hagiógrafo através do convívio entre o próprio Deus e Adão, quando aquele descia ao jardim e ambos passeavam juntos pela brisa da tarde, como se *celebrassem vésperas* em conjunto. Aqui não há ainda nenhuma duplicação do real (nem sequer os nomes duplicam) ou qualquer sombra de suspeição na relação entre actantes. Querendo, porém, justificar e dar etiologicamente conta do seu mundo coevo e real, onde imperavam a desconfiança, a mentira, a duplicidade e a suspeição, o hagiógrafo teve de fazer intervir um ele-

¹⁸ *La main et l'esprit*, Labor & Fides, Genève, 1989.

¹⁹ Cf. *Em vez de «história de Adão e Eva»: O Sentido último da vida projectado nas origens*, Edições Carmelo, Avessadas, 2011.

mento exterior ao homem e a Deus para justificar a existência daquelas. Fá-lo mediante um expediente *ex machina*, introduzindo em cena um animal viscoso, coleante e astuto – a serpente, que neste caso era detentora de *logos*, pois sabia falar (o que faria lembrar Aquilino, não fora ela figura de uma coetânea religião de fecundidade própria dos vales e concorrente ao Javismo vulcânico das montanhas). Significativamente, no *Livro do Génesis*, a suspeição entra no mundo mediante uma interrogação da serpente feita a Eva: «*É verdade que Deus vos disse que não poderteis comer de nenhuma das árvores do jardim?*» Está lançada a desconfiança. A grande Literatura ocidental e as muitas *filosofias da suspeita* não se fartarão de glosar este tropo genesíaco: é pela interrogação que a suspeita entra no mundo.

Se quiséssemos dar outros nomes e talvez outra inteligibilidade (a possível) que não a mítica – todas sempre precárias, porém: pensemos no *ensaio sobre o mal radical*, em Kant – a esta figura da suspeição no *Livro do Génesis*, talvez possamos remeter para um fundo *demoníaco* que habita a vontade humana, um poder de dizer *Não!* que nos faz perguntar se a consciência humana não será fatalmente divisora e maniqueia²⁰. Noutras passagens bíblicas, tal abismo *daimónico* é figurado na rebelião mítica e remete para a fórmula luciferina do «*Não te servirei!*»/«*Non serviam!*» com que o Portador da Luz teria gritado no rosto de Deus a sua revolta e a sua não-sujeição a um divino de quem ele, afinal, suspeitava.

Seja como for, muito aflita face ao que a serpente lhe insinua, Eva apressa-se em defender Deus de tão aleivosa e falsa acusação: «*Não! Não! Deus não nos proibiu comer de todas as árvores; apenas de uma!*» Apanhada nas malhas da retórica jurídica própria de um processo de investigação intentado pela serpente, Eva fica perdida frente à segunda suspeição lançada: «*Olha que Deus não é bom! Muito pelo contrário: é mau, maligno e invejoso; fixou-vos uma proibição gratuita – não comer da árvore do bem e do mal, Gn 2, 17 – apenas por inveja, para que vós não sejais deuses, como ele, conhecedores do bem e do mal. De que estais à espera para colher e comer pomo tão delicioso?*» Instilada e instalada a dúvida, o resto decorre daí naturalmente: do aspecto agradável dos frutos, a comer um deles e

²⁰ Cf. LUIGI PAREYSON, *Ontologia della libertà. Il male e la sofferenza*, Giulio Einaudi editore, Roma, 1995.

dar outro a Adão foi apenas um passo. Enfim, como reza a expressão latina, *malum de malo* ('o mal vem do mal' e não necessariamente da *maçã*). E o resto da história dita da salvação judaico-cristã, desde Caim e Abel até Cristo, passando pelos grandes momentos veterotestamentários (Abraão, Egípto, Moisés, os Profetas...) e suas posteriores *duplicações* e injunções paulinas e agostinianas (culpabilidade da *Carta aos Romanos*, o pecado original nos escritos de Agostinho contra os Pelagianos, e suas múltiplas apropriações jurídicas, políticas, sociais, religiosas, eclesásticas²¹) é bem conhecida, até à *suspeição da suspeição* lançada por Nietzsche, no dia 31 de Março de 1885, em carta a Franz Overbeck: a grandiosa história da genealogia da moral, na sua versão cristã, não passa de «platonismo para a população». Não esqueçamos também, de passagem, quer o verso de Hamlet «De todos nós a consciência faz covardes» (*Hamlet*, Ato III, cena 1) quer o que Hitler terá dito um dia: «A consciência é uma invenção judaica.» E, por isso, não perdoaria nunca aos judeus terem sido os inventores dessa tensão manhosa, interesseira e insuportável para existência humana (a consciência moral, os mandamentos, o «sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito», e assim por diante)²². Teríamos, porém, vistas muito curtas se pensássemos que os interditos mais arcaicos fundadores da Cultura (o incesto, o canibalismo, o assassinio, etc., i.e., o selo do sexo, o selo da boca e o selo da mão) bem assim todo o conjunto de coerções, proibições e suspeições que os acompanham falam apenas o dialecto judaico-cristão.

Por outro lado, se, como dissemos acima, para além a paleoantropologia e das mitologias avançarmos para a Filosofia, na Grécia antiga, não podemos deixar de reconhecer a mesma atitude de *suspeição* (*upopstia*) presente na sua génese. Já muito foi dito e redito sobre o facto de

²¹ À luz de certos cânones do IV Concílio de Latráo, em 1215, e das práticas de suspeição e de confissão regular que instituiu, ou ainda dos *Regimentos* da Inquisição portuguesa e das torturas requintadas que inventou (v.g., 1613 e 1645), bem como de muitos outros exemplos possíveis e mais recentes, v.g., no Estalinismo, do Nazismo ou em Guantánamo, não podemos deixar de reconhecer que o Ocidente forjou alguns dos instrumentos mais poderosos e mais pífidos que a humanidade já conheceu.

²² Apud G. STEINER, *No Castelo do Barba Azul. Algumas notas para a redefinição da Cultura*, Relógio d'Água, Lisboa, 1992 p. 46.

a Filosofia jónica, em pensadores como Tales, Anaxímenes, Anaximandro, Heraclito, etc., ter arrancado de uma suspeita acerca de qualquer coisa *oculta* por detrás da regularidade das mudanças da natureza (*phýsis*) e ter forcejado por a nomear com nomes concretos como terra, ar, água, fogo (Aristóteles generaliza e chama-lhe *arkhê*, princípio). Uma por todas valha a sentença oracular de Heraclito de Éfeso (DK, B 123): «A natureza gosta de se esconder.» / «*Phýsis kríptesthai philei*». Este apotegma, segundo o qual o essencial (o Logos comum) se esconde *para nós* por detrás do imenso e aparente cenário deste mundo, constituiu todo um programa de investigação para grande parte da Filosofia e da Ciência posteriores.

A suspeita ter-se-ia radicalizado na passagem da cosmologia para a ontologia, com Parménides, na contraposição entre o Ser (*tò ón*) e as aparências (*tà dokúnta*) e, sobretudo, ter-se-ia depurado em suspeita de ordem moral e política, com Sócrates e Platão, *esses plebeus incultos*, de acordo com leitura de *A Genealogia da Moral* de Nietzsche. Não é aqui o momento de desenvolver a crítica nietzschiana no sentido de acusar as grandes teses da filosofia platónica, aristotélica e *cristã* de constituírem a mais grave *suspeição* alguma vez lançada contra o sentido e a fidelidade à Terra. Para já, e apenas para corroborar de outro modo a afirmação inicial de que as práticas de *suspeição* e as armadilhas próprias do caçador paleolítico marcaram a emergência da consciência humana, atentemos na célebre topografia da caverna platónica, i.e., na situação relativa dos lugares e dos actantes dentro dela (e não esqueçamos que Platão, em várias passagens do seu *opus*, v.g., na *República* e no *Sofista*, defende que o filósofo deve ter bom faro, comparando-o a um cão à caça da Ideia, que deve ter bom olfacto, instinto eidético, etc.).

Com efeito, a situação daqueles prisioneiros agrilhoados no fundo da caverna, e que o autor da *República* descreve e afirma (515 a) como «semelhantes a nós», cidadãos de Atenas, é de total inconsciência sobre a sua situação – ou de inocência, como se estivessem naqueloutro Paraíso que a serpente denunciava como falso. Não há neles a mais pequena suspeição de que as imagens que passam na parede do fundo, à sua frente, sejam apenas ilusões e a projecção de coisas e objectos que circulam por cima de um tapume, manipulados nas suas costas por outros figurantes. E, por isso, não há neles consciência dúplice capaz de discernir a relação entre os originais e as sombras na parede. Eles encontram-se na

imediatez da opinião (*dóxa*) e da imaginação fantasista (*eikasía*) sendo, por si mesmos, incapazes de *suspeitar* da situação em que se encontram. Deste modo, a *ánima naturaliter christiana* que é Platão parece estar bem próxima da versão bíblica do *Génesis* quando o hagiógrafo teve de fazer intervir um terceiro elemento, exterior, a fim de instilar a dúvida e a suspeição (em contraposição com que se sugeriu sobre a sua gênese cinegética). Vale a pena recordar o texto:

«— Considera, pois, o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância (...). Logo que alguém soltasse um deles, e o *forçasse* a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, *se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs*, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objectos mais reais? E se ainda, *mostrando-lhe* cada um desses objectos que passavam, *o forçassem* com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objectos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam?» (*República*, 515 c-d; itálicos nossos)

É portanto alguém que, de fora, vem introduzir a suspeita e o alerta despertadores (como na releitura que a gnose faz da Serpente genesíaca), em alusão à daimónica figura de Sócrates na cidade de Atenas, cuja pedagogia “corrompia” os jovens atenienses porque avolumava e confirmava as suspeitas quanto à ignorância de políticos, poetas e artesãos. E depois dessa viragem, à força, da cabeça e do olhar dos prisioneiros algemados no fundo da caverna, vemos aparecer de novo o gradual processo de consciência que vai aumentando, por níveis, por imagens e reflexos, dentro e fora da caverna, segundo o princípio da recondução de uma cópia ao seu original, até, finalmente, se poder contemplar noeticamente o que, de acordo Platão, já não dá lugar à mínima dúvida ou suspeição: a evidência esplendorosa do Bem em si mesmo.

«— E se o *arrancassem dali à força* e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o *deixassem fugir* antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e,

depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que *agora dizemos serem os verdadeiros* objectos?

— Não poderia, de facto, pelo menos de repente.

— Precisava de se habituar, julgo eu, *se quisesse ver o mundo superior*. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objectos, reflectidas na água, e, por último, para os próprios objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia.

— Pois não!

— Finalmente, julgo eu, *seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar*, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, *mas a ele mesmo, no seu lugar.*» (*República*, 516 a-b; itálicos nossos)

Estamos no coração da *theoria* platónica, na sua contraposição entre a visão sensível do sensível (*tópos aistêthos*) e a visão inteligível do inteligível (*tópos noêtos*). Na luminosidade da contemplação do Bem (*tò ágathon*) separam-se as águas entre o que é a realidade e o que é a ilusão. Eis que, sinopticamente, o rei-filósofo como que vê tudo pelos olhos de Deus.

Não será preciso, porém, suspeitar desta *escola da reminiscência*, dos interesses inconfessáveis que a contemplação (*noêsis*) das Ideias e do Bem pretensamente oculta, desconfiar desta verdadeira «oficina (*ergastérion*) do ideal sobre a terra» e, enfim, das tartufices e das infidas variações ‘femininas’ com que o cristianismo depois as dissimulou? Numa palavra, não deveremos *suspeitar da suspeita* socrático-platónica? Nietzsche, n’*A Genealogia da Moral*, bem como o dançarino de *Assim Falava Zarathustra* asseveram que sim.

2. Para uma *suspeita da suspeita*

Se for verdade, como estivemos a sugerir, que a *suspeita* pode ser dita congénita da consciência (como se esta fosse um imemorial poder de cisão e de negação), já a ideia de uma *filosofia da suspeita* enquanto tentativa global de interpretação da cultura apenas emerge nos séculos

XIX e XX, com os chamados *mestres da suspeita*: Marx, Nietzsche e Freud. Com efeito, ainda que a esta 'santa' Trindade se possam juntar, antes e depois muitas outras *hipóstases* (por exemplo, Ludwig Feuerbach ou Michel Foucault), Paul Ricoeur, que cunhou a expressão em 1961²³, centra-se principalmente nestes três pensadores porque neles a suspeita foi elevada a princípio hermenêutico da Cultura Ocidental como tal; isto é, da inteligibilidade do próprio processo de produção do sentido da realidade, do valor, do bem e da verdade, constituindo assim tal modo de interpretação uma etapa interna na história dessa mesma Cultura que, afinal, não passa de uma imensa fábula (culminando na *Idade Hermenêutica da Razão*, conforme o título da obra de Jean Greisch²⁴). Desse modo, o sujeito livre e consciente, fundamento da tradição filosófica e teológica do pensamento e das práticas éticas, políticas, jurídicas, eclesiais, sociais, etc., do Ocidente, acaba por perder a centralidade como «sujeito consciente». Já perdera o 'centro' cosmológico com Copérnico, perdera o 'centro' biológico com Darwin, perdera o 'centro' histórico e social com Marx; com Freud perdera o núcleo da consciência vigeil; e no fragmento 125 de *A Gaia Ciência* de Nietzsche perde, por fim, toda e qualquer possibilidade de 'centro': eis que o exaltado *cogito* cartesiano resta agora simplesmente como «cogito brisé», ferido, destronado.

Antes de assinalarmos concretamente alguns aspectos comuns dessa suspeita, vejamos de passagem por que razão Ricoeur acolhe tão positivamente no seu próprio projecto hermenêutico o contributo desses *mestres da suspeita* (motivo por que ele próprio acabou por se tornar *suspeito* para tantos, como podemos ver em Jacques Elul). Para Ricoeur, o *bem* que Marx, Nietzsche e Freud nos trouxeram foi a crítica à «ilusão da consciência de si», à «falsa consciência», à «consciência mistificada»²⁵. O que é uma falsa consciência? Antes de mais, é a consciência *imediata*, não-narrada, falsamente auto-transparente para si mesma, anhistórica,

²³ Num estudo que retomou depois, em 1965, na já referida obra, *De L'Interpretation*, pp. 42-46, e, depois, em 1969, em *Le Conflit des Interpretations*, pp. 122-158.

²⁴ Cf., *L'Âge herménétique de la raison*, Cerf, Paris, 1985.

²⁵ PAUL RICOEUR, *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*, Seuil, Paris, 1969, pp.148-149.

e pretensamente dada numa apreensão súbita e total de si mesma — qual intuição intelectual platónica, plotiniana ou cartesiana: «Descartes triomphe du doute sur la chose par l'évidence de la conscience»²⁶. A isto chama Ricoeur *sonho*: «le rêve de *la* transparence du sujet à lui-même» ou a «via curta» de um sujeito narcísico que, afinal de contas, pretende ser «monarca absoluto», mas nem sequer é «senhor na sua própria casa», como dirá Freud. Com efeito, a consciência não é um dado (ser consciente) mas antes um processo (tornar-se consciente). A compreensão de si próprio e dos outros tem de ser sempre «médiatisée par des signes, des symboles et des textes.»²⁷

Assim, uma *falsa consciência* pode ser quer uma consciência ingénua que não suspeita dos interesses ocultos que transporta em si mesma, quer uma consciência tartufa que tudo fez e faz para os esquecer e dissimular. A Psicanálise, por exemplo, pretende «desmascarar as representações infantis e arcaicas» com as quais, a nossa megalomania narcísica cria para si um 'deus pai' tapa-buracos (mas isto vale também para a *Economia Política* de Marx ao suspeitar da «mão invisível» de Adam Smith, ou para *A Genealogia da Moral* de Nietzsche quando suspeita dos móveis morais de Platão e de Paulo). Ricoeur, naturalmente, ao acolher os contributos do Marxismo e da Psicanálise, não quer destruir o *sujeito* e os seus poderes. Longe disso. O que ele visa, ao invés, mediante uma «phénoménologie de l'homme capable», é precisamente recuperar os poderes mais originários do sujeito: «je peux parler», «je peux agir», «je peux raconter», «je peux être imputé» (*je suis imputable*)²⁸. Mas tal só será possível depois de um acurado processo de suspeita, de passagem pelo crivo da filosofia reflexiva, pela joieira das narrativas, da história, das ficções e das simbólicas da humanidade (especialmente as do mal). Em suma, só depois de passar pelo processo de *suspeita* a que Marx, Nietzsche e Freud submeteram a Cultura e pela tarefa de reinterpretção que eles determinaram. Fugir-lhes é uma falsa solução. Só passando por eles

²⁶ PAUL RICOEUR, *Le conflit des interprétations*, p. 149.

²⁷ A isto chama RICOEUR, no *Le conflit des interprétations*, p. 155, a *via longa*: «transformação da consciência de si pela compreensão mediata dos sinais do homem.»

²⁸ PAUL RICOEUR desenvolve tal «fenomenologia do homem capaz» em *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990.

e pelo seu crisol, o sujeito poderá, de novo, assumir-se como *princípio unificador* dos seus conhecimentos, da sua autoestima e das suas volições. Por isso, «os três [Marx, Nietzsche e Freud] abrem o horizonte para uma palavra mais autêntica, para um novo reino de verdade, não somente por meio de uma crítica “destrutiva”, mas através da invenção de uma arte de interpretar.» Os mestres da suspeita «triunfam da dúvida sobre a consciência através da exegese do sentido.»²⁹ Importa, pois, regredir para o modo histórico como o sentido do real se constituiu na contraposição entre o patente e o latente, entre a realidade e a aparência, entre o manifesto e o simulado. Por outras palavras, é preciso questionar na raiz a afirmação interesseira que instaurou a diferença entre a verdade e a ilusão. Temos de *suspeitar da suspeita*: eis a palavra de ordem dos mestres. É esta prevenção que lhes permite, «contra os preconceitos da época», «uma ciência mediata do sentido, irreduzível à consciência imediata do sentido.»³⁰ Com efeito, «o que os três tentaram, através de diferentes vias, foi fazer coincidir os seus métodos “conscientes” de decifração [descodificação] com o trabalho “inconsciente” de cifração [codificação] que atribuíam à vontade de poder, ao ser social e ao psiquismo inconsciente.»³¹ Em suma, «*A Genealogia da Moral* no sentido de Nietzsche, a teoria das ideologias no sentido marxista, a teoria dos ideais e das ilusões no sentido de Freud, representam três procedimentos convergentes de desmistificação.»³² «Tornar conscientemente para si este sentido que era apenas sentido para um *outro*, eis o que o analista quer para o analisado. Do mesmo modo se descobre um parentesco mais profundo entre Marx, Freud e Nietzsche. Os três começam pelas ilusões que dizem respeito à consciência e continuam pela impostura [*ruse*] da decifração; os três, finalmente, longe de serem os detractores da «consciência», visam a sua extensão.»³³

Como vemos, portanto, nos *mestres da suspeita*, esta tornou-se *suspeição* de uma anterior *suspeita* que se dissimulou sob o desejo da

²⁹ PAUL RICOEUR, *Le conflit des interprétations*, pp.148.149.

³⁰ *Idem*, p. 150.

³¹ *Ibidem*, p. 150.

³² PAUL RICOEUR, *De l'interprétation*, p. 45.

³³ PAUL RICOEUR, *Le conflit des interprétations*, p. 150.

Verdade e do Bem. Por isso, temos de desconfiar (Nietzsche leva isso ao extremo) de tudo o que até hoje foi apresentado como *tendo valor*. Temos de buscar a sua origem. O *valor do valor* não passa, afinal, do ponto de vista interesseiro de uma vontade fraca e doente que quis disfarçar-se e dissimular-se a fim de dominar a vontade dos fortes e dos criadores. Numa palavra, temos de lançar a suspeita de que sob o *valor do valor* não há «Nada», exceto vontades de poder anémicas que inventaram a ‘realidade’ desses valores (o Ser, Deus, a Verdade, o Bem, o Belo...), piscando o olho umas às outras: «inventámos a felicidade!»³⁴

Mas é importante sublinhar que, nestes autores, *suspeitar* não é apenas interpretar, adivinhar ou pressentir os interesses mascarados que *la conscience à l'envers* transporta consigo às escondidas. *Suspeitar* é também acusar na praça pública e fazer a revolução prática dessas mesmas consciências. Recordemos de Marx a *11.ª Tese sobre Feuerbach*. A *suspeita* requer sempre algum trabalho de luta³⁵. Por isso, o que «Marx quer é libertar a *praxis* pelo conhecimento da necessidade. Mas esta libertação é inseparável de uma “tomada de consciência” que riposta vitoriosamente contra as mistificações da falsa consciência. O que Nietzsche quer é o aumento do *poder* do homem, a restauração da sua *força*»³⁶ de afirmar, de dizer “Sim!”, e não de suspeitar. Ou seja, deixar de ser narcotizado pelo *ópio* e a *moralina* dos escravos e de todos os moralistas deste mundo, a fim de que venha o super-homem, essa *criança que brinca às pedrinhas* sem razão e sem porquê, embalada pelo jogo da Vida na inocência do devir. Freud não irá tão longe (“a criança não é tão inocente como isso”), já que «uma das primeiras homenagens prestadas à psicanálise fala de “cura pela consciência” [a fim de evitar a repetição]. A palavra é justa. Na condição de dizer que a análise quer substituir a consciência imediata e dissimuladora, por uma consciência mediata e instruída pelo princípio da realidade.»³⁷

³⁴ Cf. NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratustra*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2007, Prólogo, 5.

³⁵ Veja-se a (agora) ambígua relutância que os prisioneiros da caverna platónica ofereciam.

³⁶ PAUL RICOEUR, *Le conflit des interprétations*, p. 150.

³⁷ PAUL RICOEUR, *Idem*, p. 151.

* * *

«Desconhecemo-nos. Nós, homens do conhecimento, desconhecemo-nos a nós próprios. Há um bom fundamento para que assim seja. Nunca nos procurámos..., como poderia então acontecer que um belo dia nos encontrássemos? Com razão se disse: “Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” [Mt 6, 21] O nosso tesouro fica onde estão as colmeias do nosso conhecimento. É para elas que continuamente nos encaminhamos, quais alados insectos nascidos para a recolha do mel do espírito. Entregamo-nos, de coração, a uma única tarefa...: “levar para o cortiço”. Quanto ao resto da vida, quanto às chamadas “vivências”..., qual de nós dispõe ainda de seriedade suficiente para tanto? Ou de tempo suficiente? Em tais coisas, temo bem que tenhamos estado sempre algures “ao lado da coisa”. O nosso coração não está lá... e nem sequer os nossos ouvidos lá estão! Como alguém que, divinamente distraído, absorto em si mesmo, e fazendo-lhe o sino com todo o fragor ribombar aos ouvidos as doze badaladas do meio-dia, despertasse de súbito e a si próprio perguntasse: “Que toque terá sido, ao certo?” Também nós, por vezes, esfregamos as orelhas, *com atraso*, e perguntamos, atónitos, confusos, “que vivência foi esta, ao certo?”. Ou, mais ainda, “que *somos* nós, ao certo?”. E pomo-nos a contar – com atraso, como digo – as doze vibrantes badaladas daquela nossa vivência, da nossa vida, do nosso *ser...* e, ai, perdemos-lhes a conta... Permanecemos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos entendemos, é-nos *obrigatório* confundirmo-nos. Aplica-se-nos eternamente a frase: “Cada um é o que está mais distante de si próprio...” No que nos toca, não somos de facto “homens do conhecimento.”»³⁸

«O homem forjou para si mesmo, nalgum lugar no coração do seu ‘eu’, um órgão de controlo que vigia se as suas próprias emoções e as suas próprias acções são conformes às suas próprias exigências. Não o sendo, ei-las impiedosamente inibidas e reprimidas... O psíquico não coincide em ti com o consciente. Quem poderia avaliar tudo o que se passa na tua

³⁸ FRIEDRICH NIETZSCHE, *Para a Genealogia da Moral. Um escrito polémico*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1997, Prefácio, 1, p. 7.

alma acerca da qual nada sabes ou sobre a qual és falsamente informado? Comportas-te como um monarca absoluto que se contenta com informações que lhe são dadas pelos altos dignatários da corte e que não desce junto do povo para escutar a sua voz. Entra em ti mesmo profundamente e aprende primeiro a conhecer-te. Então compreenderás por que razão irás ficar doente em breve, e assim evitá-lo-ás talvez.»³⁹

À luz destes excertos de Nietzsche e de Freud, toda a Cultura, nas suas múltiplas expressões (filosóficas, religiosas, morais, psicológicas, políticas, sociais, jurídicas, ...), aparece-nos como um iterado palimpsesto, ele mesmo várias vezes reescrito, dissimulando o que está nas camadas inferiores, ali sempre à espreita e pronto a saltar. Assim, a pergunta poderia ser esta: o que é que dorme sob a nossa polidez quotidiana, contida sob a fina pele da etiqueta, do medo e da esperança? Em que pó de “túmulos mais ou menos caiados” nos fomos transformando? Acoçados em situações-limite de medo, fome, de desaparecimento da autoridade, a coberto do anonimato ou pretensa impunidade no meio da massa amorfa, na turba-multa, numa latada ou num linchamento colectivo, na competição ou ainda na ilusória onipotência infantil ao volante do automóvel, o verniz parece estalar facilmente e vêm então ao de cima “monstros” que julgávamos inexistentes e impensáveis, irracionalidades primárias, gramáticas irregulares, estranhas alteridades, pulsionais, interesseiras, libidinosas. Não será, assim, muito salutar suspeitar da pretensa transparência com que, placidamente, *bovinamente*, respondemos às perguntas «*Quem sou?*»/«*Quem és?*»?

3. Da profilaxia à profecia

Embora só um deles fosse médico, pode dizer-se que os três *mestres da suspeita* tentaram de algum modo ser clínicos. Pelo menos todos eles se *inclinaram* e aplicaram à arte de decifrar sintomas e sinais pretensamente nosológicos que, desde Hipócrates, o bom discípulo de

³⁹ SIGMUND FREUD, «Une difficulté de la psychanalyse» [1917], In: *Essais de psychanalyse appliquée*, Éditions Gallimard, Paris, 1971, pp. 137.147.

Asclépio deve aprender a reconhecer. Nietzsche apresentou-se declaradamente como «médico da civilização». E a Medicina, *grosso modo*, pode dividir-se entre profiláctica, interventiva e paliativa. A todas elas é indispensável um protocolo da suspeição que uma boa anamnese clínica deve contemplar. Em relação ao primeiro sentido, deixemos aberta tão-só uma breve nota a partir da leitura de um texto Peter Sloterdijk, *A Loucura de Deus*⁴⁰, incursão que não foi possível por ora levar mais longe, mas que avivou ainda antigas leituras de René Girard sobre as origens da cultura e a importância do «bode expiatório» como *phármakon* social. A ideia sugerida por Sloterdijk é a que de que a *suspeita* é um dos mecanismos integrantes e mais persistentes dos chamados «sistemas de imunização». Assim, em sentido lato (da biologia à cultura), a *suspeita* poderia ser simbolicamente figurada e associada a uma vacina; suspeitar equivale a vacinar-se e a criar anticorpos. Ou seja: ser *maior e vacinado*. A sua função é, pois, eminentemente profiláctica e imunitária. Voltando a Nietzsche, não prescrevia ele: «quanto mais desconfiança, mais filosofia»?⁴¹

Recuperando assim parcialmente o que dissemos sobre os tropismos de sobrevivência do caçador pré-histórico, razões há para admitir que a *suspeita* seja um, embora camaleónico, atavismo protector dos indivíduos e das sociedades nas suas crises. De facto, os sistemas imunitários são, de certo modo, a encarnação da espera da dor e do medo das feridas. «Do ponto de vista biológico, manifestam-se pela capacidade para formar anticorpos; já no campo jurídico, caracterizam-se por procedimentos destinados a compensar as injustiças e as agressões; na perspectiva mágica, [manifestam-se] por encantamentos defensivos e apotropaicos, e no domínio religioso por rituais destinados a ultrapassar o caos.»⁴²

⁴⁰ Cf. PETER SLOTERDIJK, *A Loucura de Deus. Do Combate dos Três Monoteísmos*, Relógio d'Água, Lisboa, 2009. Deveríamos ter complementado com *Bios. Biopolítica e Filosofia*, de Roberto Esposito, cuja profilaxia da imunização supostamente resolve o enigma da biopolítica, mas não foi possível.

⁴¹ FRIEDRICH NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, § 346, Relógio d'Água, Lisboa, 1998, p. 257.

⁴² PETER SLOTERDIJK, *A Loucura de Deus*, p. 19.

A pergunta que nos resta é se, depois do ciclo da *suspeita* e da *suspeita da suspeita* e do cortejo de hermenêuticas que engendraram, e, mais recentemente, após um *F for Fake* de O. Welles e as rebarbativas *fake news* que invadem hoje muito do nosso espaço mediático, ainda haverá espaço para recuperar aquela confiança primeva, a simbiose, a aliança ontológica entre *ser* e *pensar* que, de Parménides, passando por Anselmo de Cantuária (*fides quaerens intellectum*), chegou ainda até nós, ou se lançados definitivamente nos vórtices desta *diabolê* que nos assola, já perdemos de vez a terra firme (*A Gaia Ciência*, frg. 125) e, quais herdeiros de Atreu, nos tornámos definitivamente incapazes de hospitalidade. Entre Tântalo e Sísifo, teremos nós de prolongar o ciclo infernal da suspeição dos *mestres da suspeita* – *suspeita insatisfeita*, que jamais pára de se alimentar a si própria – ou deveremos regredir antes para a simplicidade do «*sim, sim*», «*não, não*», deixando o resto «*ao maligno*»?

Não é fácil responder. Traduzindo a nossa condição tardo-suspiciosa e de *já-não-mais* e *ainda-não* capazes de crença, diria Heidegger, em 1954, que chegámos «demasiado tarde para os deuses e demasiado cedo para o ser».⁴³ Mas aquilo que o *pensamento sério* parece não poder mais acolher, almejava-o já um mundo a que Heidegger sempre fora avesso. Longe das caçadas paleolíticas e das armadilhas da serpente genesíaca, longe igualmente da retórica filosófica e suas metamorfoses antigas, modernas e pós-modernas, Isaías inscreveu o sonho messiânico na expectativa ocidental. Nesse tempo, não mais haverá *suspeição*, porque «então o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem como o boi. A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide, a criança pequena porá a mão na cova da víbora. Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo o meu santo monte.» (Is 11, 6-9). Não é de nenhum paraíso terrestre *in illo tempore* que se trata – antes de o caçador ter provado o sangue da presa – mas de esperança escatológica que alvo-roça já, nesta hora, todos os homens que não inventam sombras.

⁴³ MARTIN HEIDEGGER, *Aus der Erfahrung des Denkens*, Günter Neske, Pfullingen, 1954, p. 7.